

O Instagram como ferramenta de comunicação museológica: o caso do Museu das Coisas Banais

The Instagram as museological communication tool: the case of the Museu das Coisas Banais

¹Rafael Teixeira Chaves; ²André Luiz da Silva Paulo; ³Dra. Juliane Serres

¹ rafael-teixeirachaves@hotmail.com, Universidade Federal de Pelotas; ² alspmg@hotmail.com, Universidade Federal de Ouro Preto; ³ julianeserres@gmail.com, Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

O Museu das Coisas Banais (MCB) é um projeto de pesquisa vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas/RS, e tem como objetivo preservar e compartilhar no mundo virtual, através de fotografias e narrativas, objetos que compõem o cotidiano dos indivíduos e que possuem um valor afetivo. Para este artigo propõe-se abordar a utilização da plataforma online Instagram, que permite a interação entre o museu e seus usuários, no caso seguidores. Esta interação ocorre apenas no espaço virtual e permite aos usuários a preservação e compartilhamento de memórias construídas através da relação que estabeleceram com os objetos. O Museu existe exclusivamente no ciberespaço e está voltado à preservação da memória atrelada aos objetos do cotidiano. Além de conceber um novo meio para as práticas museais em comunicação e preservação da memória, o MCB possibilita a criação de coleções virtuais que são compartilhadas na rede de computadores. Desta forma, a preservação da memória, a partir da materialidade dos objetos, abrange outros suportes, como o digital, superando a própria materialidade das coisas. A formação das coleções de objetos cotidianos concentram sua atenção sobre a memória narrada, a memória ainda atrelada ao objeto, que passa a ser índice de uma presença ausente, registrada pela fotografia e pela história narrativa.

Palavras Chaves: Museu Virtual, Memória, Redes Sociais, Museus Contemporâneos, Comunicação Museológica.

Abstract

The Museu das Coisas Banais (MCB) is a research project linked to the Institute of Human Sciences of the Federal University of Pelotas/RS, and has as a goal preserve and share in the virtual world, through photographs and narratives, objects that compose the everyday of the individual and that have an affective value. For this article proposes to approach the utilization of the online platform Instagram, that allows interaction between the museum and yours users, in this case followers. This interaction occurs only in the virtual space and allows the preserving and sharing of memories built through the relationship who established with the objects. The museum there is exclusively in the cyberspace and it is turned to the preservation of the memory linked to objects of everyday. Beyond conceive a new means for museological practice in communication and preserving the memory, the MCB enables the creation of virtual collections that are shared on the computer network. This way, the preservation of memory, from the materiality of objects, covers others brackets, as digital, surpassing itself materiality of things. The formation of the collections of everyday objects concentrates your attention on the narrated memory, the memory still tied to the object, which happens to be index of an absent presence, registered for photography and narrative.

Keywords: Virtual museum, Memory, Social networks, contemporaries museums, museological communication.

1. Introdução

O presente artigo aborda as práticas e experiências obtidas através da utilização da mídia de interação social Instagram no projeto do MCB. Este projeto tem como objetivo a construção de um espaço de compartilhamento de memórias através das representações imagéticas de objetos que fazem parte do cotidiano dos indivíduos que ali se relacionam, proporcionando desta forma um ambiente de trocas e preservação da memória.

2. Análise Teórica

O cenário atual das relações sociais configura-se pela descentralização dos sujeitos e suas identidades, provocando uma crise desta, como propõem HALL (2006), a sociedade midiaticizada cria um indivíduo deslocado das suas identidades culturais nacionais, criando relações que quebram fronteiras, levantando a máxima de um mundo plano, interligado.

Desta forma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006, p.09-10)

Parte desta concepção é fruto do processo de globalização que se inicia na década 1970, mas que tem seu ápice em meados dos anos 80 quando o microcomputador é implantado em escala doméstica, além deste fator deve-se considerar as novas configurações geopolíticas, informacionais e sociais deste período. CASTELLS (1999) afirma que “O papel crescentemente importante do conhecimento e da informação é uma característica dos novos sistemas econômicos avançados, transcendendo as características de outros modos de produção. ”

KRATZ (2006, p. 4) considera que a globalização

tem sido frequentemente associada à ideia de compressão do tempo e espaço e de novas formas de comunicação e transporte, permitindo, por sua vez, os contatos e as relações de carácter social e cultural entre pessoas que antes estavam separadas, tanto geográfica como culturalmente

Todo este processo associado às comunicações mediadas por computadores - CMD, como afirma PERUZZO (2002), alteram as formas relacionais entre os indivíduos que se conectam em uma comunidade reconfigurando as interações sociais.

Para NISBET, a comunidade é:

Uma fusão de sentimentos e pensamentos, de tradição e compromisso, de adesão e volição. Pode ser encontrado em, ou expressar simbolicamente, localidade, religião, nação, raça, idade, ocupação, ou cruzada. Seu arquétipo, tanto historicamente e simbolicamente, é a família, e em quase todo tipo de verdadeira comunidade a nomenclatura da família é importante. Fundamentais para a força do vínculo da comunidade é a antítese verdadeira ou imaginada formada no mesmo tecido social, pelas relações não-comunais de concorrência ou conflito, utilidade ou aceitação contratual. Estes, por sua relativa impessoalidade e anonimato, destacam os laços pessoais estreitos da comunidade. (Nisbet, 1967, p. 48)

No Brasil, o processo de redemocratização iniciado no final da década de 1970, traz à sociedade brasileira uma nova forma de articulação baseado no princípio de fluxo de informação transferida através de articulações sociais em redes de interação. Estas redes são movimentos sociais que se articulam em prol de uma coletividade em busca de melhorias sociopolíticas àqueles menos abastados. Assim, observa-se o surgimento de grupos de mobilização social, como associações de moradores, ONG's, sindicatos etc.

De acordo com Scherer-Warren (2005, p. 113) as redes de movimentos sociais:

Pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas. Em outras palavras, o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção e resulta das múltiplas articulações acima mencionadas.

Ainda segundo a autora:

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural. (WARREN, 2006, p. 115-116.)

O estudo do uso do Instagram, especificamente, como uma ferramenta de interação social nas redes eletrônicas tem demonstrado ser uma solução dinâmica e contemporânea aos processos museais de compartilhamento de memórias e do patrimônio material e imaterial e suas representações. As redes sociais, segundo MARTELETO (2001, p.72), representam “um

conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Com base nesta definição podemos considerar que as novas mídias eletrônicas, no caso Instagram conglobam as partes envolvidas, instituições e seus públicos, proporcionando desta forma um estreitamento dos laços destes atores.

A Internet, chamada “rede das redes”, caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade. Portanto, atua como suporte de atividades cooperativas em escala mundial, organizadas no âmbito de comunidades massivamente interativas como a Wikipédia, os coletivos de desenvolvedores de softwares livres, os blogs, os jogadores em rede ou as plataformas relacionais, como Facebook, MySpace, etc. (CARDON, 2008 *apud* MARTELETO 2010, p. 32).

Observa-se que os equipamentos *culturais* cada vez mais se apropriam destes espaços virtuais como suportes de comunicação museal, bem como das novas tecnologias de interação e comunicação (TIC) e as mídias sociais.

Segundo LÉVY (2001, p. 137)

O mundo humano é ‘virtual’ desde a origem, bem antes das tecnologias digitais, porque ele contém em toda parte sementes de futuro, possibilidades inexploradas, formas por nascer que nossa atenção, nossos pensamentos, nossas percepções, nossos atos e nossas invenções não deixam de atualizar.

O MCB utiliza este suporte não só como uma ferramenta de promoção institucional, mas como um mecanismo de coleta de “acervo” e sistematização de informações advindas das representações que ali são vinculadas, proporcionando, com esta prática, uma inovação no comunicar museológico mediado pelos espaços virtuais.

3. Estudo de Caso MCB

Considerando toda a massa informacional produzida nestas plataformas, verificou-se a necessidade de estabelecer parâmetros para análise das informações relacionadas ao MCB, e sobre a interação entre o público e a instituição. Sendo assim, utiliza-se como suporte de apoio nas práticas de comunicação o *Hashtag* (#) como #museu #museuvirtual #museudascoiasbanais #ufpel.

Segundo SILVEIRA:

é criada quando o símbolo # (*hash*, em inglês) é associado a uma palavra, formando uma tag (etiqueta). Desse modo, uma *hashtag* é uma palavra-chave, que no Twitter ganha algumas funções extras, tornando-se mais dinâmica que uma palavra-chave

tradicional. Como o Twitter se popularizou no Brasil ainda em sua versão em inglês, o termo *hashtag*, com toda a carga semântica que esse termo representa para seus usuários, é mais utilizado pelos brasileiros do que o termo palavra-chave, que não parece carregar os mesmos significados que *hashtag*, sobretudo quando consideramos o uso específico que se faz desse recurso no Twitter. (2013, p.1.)

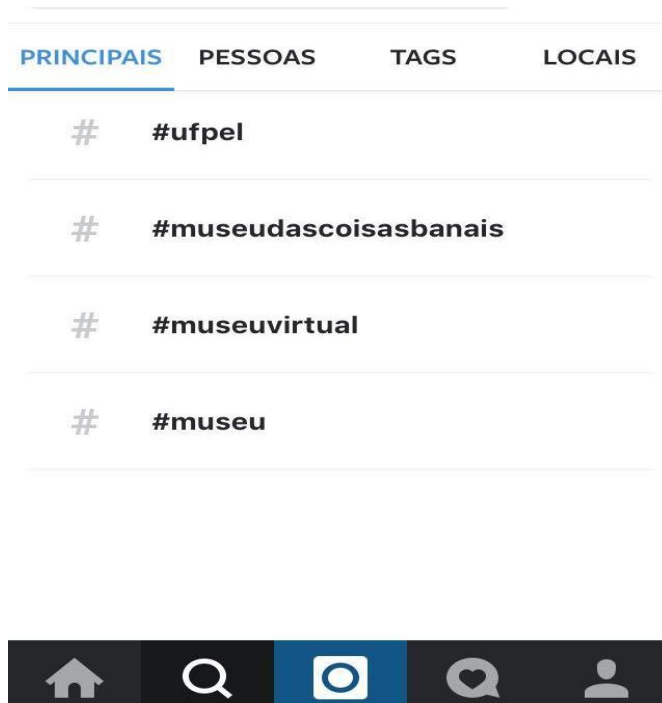


Figura I – Hashtags utilizadas pelo MCM.
Fonte: Instagram - @museudascoisasbanais

Através da utilização deste mecanismo, possibilita-se a aproximação do MCB com os usuários, que utilizam além deste sistema, recursos disponíveis no aplicativo tais como comentários, curtidas, e etc. Desta maneira, por meio de uma narrativa sobre determinado objeto cria-se uma interação entre os usuários, suas memórias e vivências acerca deste. Como podemos destacar a seguir:



Figura II – Objeto compartilhado na *timeline* do MCM.
Fonte: Instagram - @museudascoisasbanais

3.1 Descrição do objeto pelo seu proprietário - primeiro nível de interação:

Este anel que, aparentemente, não passa de bonito, tem uma história conturbada e, por algum ângulo, até cômica. Eu tinha oito anos quando meu pai começou a bater em minha mãe, sendo este o estopim para uma separação que deveria ter se dado uma ou duas horas após o casamento, mas que - por algum motivo sado-masoquista - demorou dez anos. Após três anos de depressão, meu pai voltou a sair, e acabou arrumando uma namorada, que, aparentemente, tinha mais problemas do que ele, e obviamente não deu certo por muito tempo. Passou-se mais um tempo, eu estava com quatorze anos, quando fui morar com meu pai, um pouco por rebeldia com minha mãe, um pouco por pena de vê-lo sozinho. Foi o ano mais triste da vida da minha mãe. Mas foi também o ano em que eu fiz este anel. Minha prima havia feito um anel de quinze anos, e eu, numa atitude típica daquela época, quis imitá-la, mesmo ainda não tendo quinze. Comuniquei minha mãe de meu desejo, mas ela alegou não ter dinheiro para me dar o tal anel, mas constatou também que o anel de quinze anos dela, bem como sua aliança de casamento, haviam ficado na casa de meu pai, e que eu poderia encontrá-los e usá-los como matéria-prima para fazer o meu. Infelizmente, não os encontrei, e quase perdi as esperanças de ter um anel, quando meu pai resolveu ser bondoso, e em um ato de humildade e caridade, me doou generosamente os anéis de noivado dele e da ex-namorada louca. Enfim, o anel fora feito. Uso-o até hoje, e não tenho pretensões de deixá-lo, pois faz parte da minha mão, bem como da minha história, pois me acompanhou na juventude, época de mudanças radicais e formação de personalidade. Até algum tempo atrás eu poderia resumir este anel na frase: ato de remissão de meu pai. Mas, recentemente, eu descobri que os anéis que ele me dera para fazer o meu, tinham sido feitos com os da minha mãe. E agora tudo faz sentido. (K.R Santa Maria/RS” – 2015)

3.2 Comentários de outros usuários – segundo nível de interação:

“@Tamires Pinheiro Enquanto eu lia, pude ver todas as cenas na minha cabeça! Muito interessante!”

“@Amanda Mayer da Rocha A história é muito interessante, e o anel realmente tem um significado simbólico muito forte. Mas a forma como vc escreveu foi fundamental para que eu e, acredito que todos os outros, tivéssemos a sensação de estarmos lendo um típico texto literário.”

“ @ Fátima Libretti de Oliveira Anel é elo, no sentido mais bonito do termo.”

“@ lima.mila21Que história incrível! Tb saí da casa da minha mãe para a casa do meu pai num período conturbado. Me identifiquei com a sua história.”

“ @ mariathereza32Relato intenso, porém leve, sem mágoas ou ressentimentos. É o passar dos anos da protagonista, sob a ótica de um "Precioso Anel". E há afeto, ternura, tristezas, incertezas e muitos pensares. Belo, poético.

3.3 Uma breve análise do exposto:

Observa-se com o exemplo ,a criação de uma nova dinâmica relacional referente ao processo de preservação da memória e do patrimônio, além da concepção de “novas memórias” coletivas, construídas de forma midiática utilizando como suporte o ciberespaço.

A *#hashtag* possibilita “agrupar” usuários com interesses comuns ou que compartilham algum tipo de identificação.

ANICO (2005, p.78) ao falar sobre os processos patrimoniais e de memória na pós-modernidade da cultura nos lembra que:

os objetos patrimoniais assumem, neste contexto, particular relevância enquanto representações de um passado que procuram enfatizar uma noção de continuidade, coesão e pertença, do mesmo modo que operam como elementos de mediação de uma memória referente a um assim, recriado no presente, pelo que se pode afirmar que “aquilo que simbolizam, representam e contêm no presente é, em alguns casos, altamente eclético.

O uso das mídias sociais neste caso, possibilita a concepção de uma curadoria virtual, configurada e criada com a livre participação dos usuários deste aplicativo, tornando o MCB mais próximo do seu público, bem como transforma suas interações um novo molde de comunicação. A utilização dessas ferramentas permite a democratização do acesso às práticas do Museu das Coisas Banais.

O MCB vem tendo uma grande aceitação do mais variado tipo de público: o acadêmico, que inicialmente é ou era ou estava reticente por se tratar de uma proposta de museu “diferente”, tão logo conhece a experiência a considera inovadora e interessante, como percebe-se em apresentações do MCB em eventos acadêmicos; a comunidade em geral também recebeu muito bem a proposta. A prova são as doações, até o momento de mais de 250 objetos. Considerando que o MCB completou um ano, acredita-se o número positivo. Outra maneira que permite mensurar o alcance do projeto é através das redes sociais. No *Instagram*, até outubro haviam mais de 3500 seguidores e 27 mil curtidas, que é um nível básico de interação. Ainda devem ser considerados os comentários e compartilhamentos, dados sobre os quais ainda estamos trabalhando. Sabe-se que os comentários somam mais de mil, o que denota níveis mais aprofundados de interação. No canal do Youtube foram 1.187 visualizações. O facebook do MCB também possui mais de 2,7 mil seguidores.

Concluindo, o ciberespaço é um “novo lugar de memória”, onde as memórias individuais são compartilhadas de uma maneira sem precedentes. Os museus são instituições de memória e não podem ignorar essa transformação cultural denominada cibercultura. Neste sentido, a “rede” é um instrumento de inegável importância para os museus, seja para divulgar seus acervos ou para permitir o acesso às suas exposições e receber o feedback do público.

A internet permite essas novas relações entre tempo e espaço, novas relações entre os sujeitos e desses com os próprios objetos da cultura e com as instituições. O MCB trabalha

com um acervo que não teria maior transcendência que a memória dos seus proprietários, pois são objetos banais, cotidianos, mas de grande valor afetivo. Portanto, seu acervo é democrático, sendo todo objeto potencialmente acervo do museu, propondo-se ser, neste sentido, um espaço democrático de compartilhamento de memórias no ciberespaço.

Porém, pela inovação da prática, desafia a repensar uma série de questões relacionadas à museologia, como por exemplo a seleção de objetos/memórias. O patrimônio exige seleção e critérios. O desafio é determinar esses critérios em um mundo onde tudo ganha status de importante. A experiência do MCB tem demonstrado que os objetos, portadores de memórias individuais, em geral encontram eco. As pessoas compartilham muitas experiências, afinal, estão inseridas em sistemas culturais comuns. Assim, preservar objetos banais revela muito sobre um indivíduo, mas também sobre uma sociedade inteira.

Os usuários do MCB concentram-se no Brasil, mas podemos localizá-los em todo o globo. O mapa a seguir mostra os usuários do *Instagram*:¹



Figura III – Mapa do alcance das publicações do MCB.

Fonte: < <https://insta-data-ldseinhardt.c9users.io/>>

4. Conclusão

O *instagram* do MCB vem demonstrando que o público pode interagir com as práticas da instituição, utilizando as ferramentas disponíveis no aplicativo, como curtir, comentar, compartilhar. Também possibilita o contato direto com o museu através de mensagens, sendo elas privadas ou não, desta forma possibilita ao usuário a criação de uma curadoria própria e compartilhada com os demais indivíduos que ali interagem. Esse tipo de abordagem mostra

¹ Luan Einhardt Graduando em Ciência da Computação — UFPel

que o *Instagram* vai além de uma rede de compartilhamentos e se torna uma ferramenta de comunicação museológica.

Percebe-se que além de uma excelente ferramenta de comunicação, o *Instagram*, utilizado pelo museu possibilita uma análise do perfil do público, permite levantar informações sobre a faixa etária, a cidade de origem, profissão e interesses dos usuários. Ainda permite conhecer o olhar destes indivíduos sobre o MCB e identificar suas demandas. As ferramentas da WEB proporcionam um acesso democrático ao acervo e, no caso do Museu das Coisas Banais, à formação do próprio acervo. O público passa a ter um caráter muito participativo, além de expectador, essas tecnologias aplicadas à museologia permitem uma grande interatividade entre público-museu, público-acervo e público-público.

Referências

- ANICO, Marta. **A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, jan/jun 2005.
- BEZERRA, Daniele Borges. Patrimônio afetivo e fotografia: **A memória de idosos asilados**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- CAMPOS, Marcela Saad; MACHADO, Polyana Muniz. **Como o uso das hashtags na publicidade pode contribuir para a viralização de campanhas: um estudo de caso sobre a campanha #SomosTodosMacacos**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9395/1/2014_MarcelaSaadCampos_PolyanaMunizMachado.pdf>. Acesso em 09 jul. de 2015
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CHOAY, Françoise. **A Alegria do Patrimônio**. São Paulo: EDUNESP, 2001, 284 p.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- HENRIQUES, Rosali, **A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes**. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosali.pdf> Acesso em 04 de ago. de 2015 em 18:00.
- KAPLÚN, G. (Org.). Comunicação e movimentos populares: quais redes? São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 275-298. Disponível em: http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf. Acesso em: 17 de novembro 15.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTELETO, Regina Maria. “**Análise de Redes Sociais – Aplicação nos Estudos de Transferência da Informação**” – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, MCT/IBICT – UFRJ/ECO, 2001

MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, Espaço e Textualidade; relações intercampos, redes sociais e novas configurações comunicacionais e informacionais**. Rio de Janeiro : Programa de PG em Ciência da Informação – CNPq/IBICT - UFRJ/ECO, 1998. Projeto Integrado de Pesquisa, Relatório Final.

MARTELETO, Regina. **Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação. Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010
MCB disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/>

NISBET, Robert. **The sociological tradition**. 1. ed. London: Heinemann, 1967.

PERUZZO, C. M. K. **Comunidade em tempo de redes**. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.;

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.105-125, 2011.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais, Sociedade e Estado**. Brasília, v. 21, nº1, p. 109-130, jan./abr. 2006/2007.

SILVEIRA, Juliana da. **Análise Discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento**. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>. Acesso em: 27 de Novembro de 2015.